

**GEOGRAFIA DAS REDES DO NARCOTRÁFICO NA AMAZÔNIA**  
**GEOGRAPHY OF DRUG TRAFFICKING NETWORKS IN THE AMAZON**  
**GEOGRAFÍA DE LAS REDES DE NARCOTRÁFICO EN EL AMAZONÍA**

**Aiala Colares Couto**

Doutor em Geografia

Docente UEPA

UFPA, Brasil

[aialacouto@uepa.br](mailto:aialacouto@uepa.br)

**Resumo**

Nesta segunda década do século XXI a Amazônia vem se tornando espaço de disputas e ações por parte das redes e facções do crime organizado, sobretudo, relacionado ao narcotráfico. O objetivo deste artigo é apresentar a geografia das redes do narcotráfico na Amazônia, sobretudo, com ênfase nas relações que são estabelecidas envolvendo as cidades e as rotas da droga. A região é um espaço estratégico para a dinâmica do mercado de cocaína e isso vem reestruturando as formas de organização do crime. A metodologia desta pesquisa teve como princípio a análise documental e revisão de literatura, bem como, a apreciação de dados quali-quantitativos e pesquisas de campo. O resultado desta investigação aponta para uma crescente presença das organizações criminosas distribuídas em vários estados da Amazônia brasileira, tornando-se, portanto, um problema que desafia a segurança regional.

**Palavras-Chave:** Amazônia. Redes. Narcotráfico. Facções do crime.

**Abstract**

In this second decade of the 21st century, the Amazon has become a space of disputes and actions by organized crime networks and factions, especially those related to drug trafficking. The objective of this article is to present the geography of drug trafficking networks in the Amazon, with a particular emphasis on the relationships established involving cities and drug routes. The region is a strategic space for the dynamics of the cocaine market, and this has been restructuring the forms of crime organization. The methodology of this research was based on documentary analysis and literature review, as well as the consideration of qualitative-quantitative data and field research. The result of this investigation points to a growing presence of criminal organizations distributed across various states in the Brazilian Amazon, thus becoming a challenge to regional security.

**Keywords:** Amazon. Networks. Drugtrafficking. Criminal factions.

**Resumen**

En la segunda década del siglo XXI, la Amazonia se ha convertido en un espacio de disputas y acciones por parte de redes y facciones del crimen organizado, especialmente las relacionadas con el narcotráfico. El objetivo de este artículo es presentar la geografia de las redes de narcotráfico en la Amazonía, especialmente con énfasis en las relaciones que se establecen entre las ciudades y las rutas de la droga. La región es un espacio estratégico para la dinámica del mercado de cocaína y esto viene reestructurando las formas de organización del crimen. La metodología de esta investigación se basó en el

análisis documental y la revisión bibliográfica, así como en la evaluación de datos cualitativos y cuantitativos y la investigación de campo. Los resultados de esta investigación apuntan a la creciente presencia de organizaciones criminales en varios estados de la Amazonia brasileña, lo que las convierte en un problema que desafía la seguridad regional.

**Palabras clave:** Amazonia. Redes. Narcotráfico. Facciones criminales.

## Introdução

Nesta segunda década do século XXI, observa-se a uma crescente presença do crime organizado na Amazônia, sobretudo, relacionado ao tráfico nacional e internacional de drogas. Este fato traz reflexões importantes acerca das políticas de segurança e defesa do território, e traz também a necessidade de se pensar em políticas públicas para as cidades da região. O território brasileiro na América do Sul encontra-se em uma posição geográfica estratégica para o comércio de cocaína e *skunk* (super maconha) originárias dos países Andinos. Essa localização coloca o Brasil como uma área trânsito para a passagem da droga em direção a África e Europa, além é claro de se destacar enquanto um importante mercado consumidor.

O texto aqui tem como objetivo apresentar a geografia das redes do narcotráfico na Amazônia. Dessa maneira, serão destacados mapas com análise espacial da lógica de organização espacial do narcotráfico na região e da presença de facções criminosas, expressando assim sinergias que se dão em formas de territórios em redes. Não é de hoje que a Amazônia enfrenta uma diversidade de conflitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais que tem relação com as mais variadas formas de ocupação do espaço e de organização de atividades produtivas, mas nesse caso se trata do narcotráfico, atividade que produz sua própria geografia com base em seus interesses, desarticulando a vigilância do Estado, corrompendo a estruturas sociais e políticas.

O crescimento do mercado de cocaína forçou o crime organizado do narcotráfico a ampliar sua escala de atuação para a manutenção do controle da produção, transporte e distribuição da droga. É evidente a importância que a Amazônia brasileira tem para as redes do narcotráfico internacional. Em 2016, por exemplo, o relatório do Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crimes (UNODC, 2016) Apud Couto (2017) destacou que a economia da droga se apresenta enquanto uma verdadeira indústria que, na última década do milênio, chegou a faturar US\$ 870 bilhões. Desse modo, a concentração no

comércio do tráfico de drogas chegou a 1,5% de todas as riquezas produzidas que correspondem ao Produto Interno Bruto (PIB) mundial, e, portanto, movimentando 40% das outras atividades ilegais lucrativas do crime organizado, tais como tráfico de armas, tráfico de pessoas e lavagem de dinheiro (UNODC, 2016).

O último relatório da UNODC (2023) faz referências ao aumento do consumo de cocaína no Brasil, e este dado em parte, pode ter relação com a “privilegiada” localização junto aos principais produtores de cocaína do mundo (Bolívia, Colômbia e Peru), mais também há de se destacar outros fatores como maior vigilância nas fronteiras por parte dos países europeus, expansão das facções criminosas pelo Brasil, e também, uma política de combate às drogas que não vem surtindo efeitos satisfatórios, pelo contrário, vem fortalecendo facções criminosas no sistema prisional.

Por isso, a Amazônia então, vem atraindo nas últimas décadas facções da região Sudeste: o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), como também aqui na região surgiram facções regionais, a exemplo da Família Do Norte (FDN), Cartel do Norte (CDN), Comando Classe A (CCA), “Os Crias”, Família Terror do Amapá (FTA), União Criminosa Amapaense (UCA), dentre outras. Todas mantendo relações de aproximação ou distanciamento, gerando uniões entre grupos criminosos e conflitos pela disputa dos mercados da droga e pelo controle das mais importantes rotas.

O aporte metodológico cuidadosamente utilizou as mais variadas estratégias de coleta de dados que vão desde análise documental e revisão da literatura até entrevistas abertas e dialogadas com agentes de segurança pública, pesquisadores e alguns sujeitos sociais de algumas cidades da Amazônia. Como documentos foram consultados os mais recentes relatórios do Escritório das Nações Unidas Sobre Crimes Globais (UNODC, 2021 e 2023) e o relatório do projeto de pesquisa “Cartografias da violência na Amazônia”, coordenado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), posterior a isso, construiu-se um quadro para avaliar aonde ocorreu o maior número de evidências da presença do narcotráfico e das facções criminosas para que a partir daí se pudesse fazer contato com pesquisadores dos estados.

Foram 12 pesquisadores entrevistados distribuídos pelos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia, Maranhão e Pará, todos da área de Ciências Humanas, e, além disso, foram realizadas também entrevistas com jornalistas de meios de comunicação alternativos da região, conversas com lideranças indígenas, quilombolas

e agentes de segurança pública da Polícia Federal, Polícias Civis e Agentes da Polícia Federal Rodoviária, num total de 22 pessoas que aceitaram falar sobre o crime organizado na Amazônia com esse olhar para as facções criminosas. Também, houve pesquisas de campo em três estados quais sejam; Amapá, Pará e Roraima onde ocorreram visitas em bairros periféricos, territórios quilombolas e regiões ribeirinhas com observações sistemáticas. Finalmente, os mapas elaborados destacam a sistematizam de todas as informações coletadas tendo como direcionamento apresentar os fluxos do narcotráfico na Amazônia e os municípios dos estados da com a presença das facções criminosas.

### **A relação multiescalar do narcotráfico: territórios e redes**

As redes do narcotráfico produzem uma relação multiescalar que acompanha processos dinâmicos de organização espacial dos mercados globais. Essa dimensão geográfica em redes promovida pelo narcotráfico é um sistema aberto que se territorializa criando as condições necessárias para o funcionamento da trama que atende aos interesses do crime organizado. E a globalização deu mais impulso para o crescimento do mercado das drogas que é desenhado por uma geografia das redes ilegais e suas relações de poder, pois as redes “estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias” (RAFFESTIN, 1993, p. 200). Ou mais ainda, “as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica das redes modifica, de forma substancial, a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 497).

Para as ações estratégicas do crime organizado a partir do narcotráfico, as redes se constituem importantes ferramentas para a organização dos territórios. Nos territórios se constituem as bases operacionais que promovem o funcionamento do mercado da droga, por isso, as redes do narcotráfico aparecem como causadoras de “ordens” impostas sobre a sociedade, a partir de relações de poder que vem de cima para baixo, surgindo, então, territórios-redes ou territórios em redes. Portanto, “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2004, p. 280).

O narcotráfico envolve várias atividades que o tornam cada vez mais poderoso e multinacional, como: lavagem de dinheiro, tráfico de armas, tráfico de pessoas e

exploração sexual, dentre outros. As relações que esse mercado desenvolve são múltiplas e têm poder para corromper os mais diversos agentes políticos e sociais, em função de toda essa relação, torna-se cada vez mais complexo buscar compreender o funcionamento de organização. Isso tem colocado em xeque a própria política proibicionista e no caso da América Latina, há uma incorporação da política de “guerras às drogas” uma inspiração a partir do modelo Norte Americano de combate ao tráfico de drogas que não deu certo.

De acordo com os geógrafos Rogério Haesbaert e Carlos Valter Porto-Gonçalves (2005), verifica-se, do ponto de vista econômico, que o espaço mundial se caracteriza por maior flexibilidade e certa horizontalidade nas relações entre empresas e regiões. Ao mesmo tempo, os processos de globalização, na fase atual de globalização neoliberal, acentuam brutalmente as desigualdades, a exclusão e/ou segregação socioespacial (com índices crescentes de desemprego) e a exploração (com reintensificação do trabalho escravo, por exemplo). A onda de privatização neoliberal que hoje começa a ser contestada levou a uma mercantilização desenfreada, que atinge os mais diferentes domínios da vida humana e inclui a expansão dos circuitos ilegais, como os tráficos de toda ordem, incluindo o tráfico de crianças e órgãos.

Há de se considerar a vulnerabilidade social como um elemento que o crime organizado se apropria para estabelecer relações de poder que controla e regula pessoas incorporadas à trama das redes ilegais, tornando-se “mão de obra descartável” em uma estrutura na qual os chefões quase sempre são invisíveis diante dos órgãos de vigilância do Estado.

O Relatório do Escritório das Nações Unidas Sobre Crimes Globais (UNODC, 2021) aponta que o número de consumidores de cocaína no ano de 2019 era de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Após um considerável crescimento da área global de cultivo de cocaína entre os anos de 2013 e 2017 (onde essa área mais que dobrou), em 2018 esse crescimento sofreu uma estabilização e caiu 5% no ano seguinte. A redução em 9% de área de cultivo na Colômbia foi o motivo desse decréscimo, enquanto continuou estável no Peru e na Bolívia, em 10%. Ainda assim, em 2019 a área de cultivo global ainda era a maior na Colômbia, representando dois terços do total, enquanto o Peru representa pouco menos de um quarto e a Bolívia representa 11%. O relatório diz que, em 2020, apesar de algumas interrupções causadas pela pandemia mundial de COVID-19, não houve significativo afetamento no cultivo de coca nesses 3 países.

Ou seja, os países da Comunidade Andina como; Bolívia, Colômbia e Peru continuam em destaque como centros produtores de coca e, embora tenha tido uma queda na produção, o uso de cocaína permanece elevado na América do Norte, mesmo diminuído desde 2006. O relatório também destaca que no caso da América do Sul e da África, há um crescimento no uso de cocaína devido à expansão do narcotráfico por esses continentes. São países que internamente enfrentam problemas de vulnerabilidades sociais e precariedades na moradia, emprego, saúde e educação.

A globalização dos mercados e a facilidade e agilidade na fluidez do dinheiro e das informações por meio da internacionalização do sistema financeiro, e mais, as mudanças nos meios de transportes tornando-os mais acelerados ajudam a desenhar essa geografia das redes do narcotráfico potencialmente propícia para o fortalecimento do crime organizado e suas múltiplas variações de atividades.

A ameaça transnacional do tráfico de drogas é, sem dúvida alguma, uma espécie de “inimigo invisível” que coloca em risco a soberania dos Estados nacionais. A característica empreendedora dessa atividade econômica ilícita, ao se fortalecer, consegue ampliar sua escala de atuação em níveis locais, nacionais e internacionais. Para Rodrigues (2012, p. 7), “a inquietação causada por essa prática proibida é intensa porque ela é apresentada como um inimigo sem rosto, uma força potente e difusa difícil de ser localizada e que se oculta como um animal artiloso”.

As redes acompanham o processo de evolução da humanidade, obtendo agora alcance e posição privilegiados no campo das Ciências Sociais. Por isso, o termo adquiriu várias definições e significados. Contudo, na medida em que avança a revolução científica e tecnológica, o termo torna-se mais complexo e adquire novos sentidos. Logo, torna-se imprescindível uma análise dos territórios a partir das redes.

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostas (SANTOS, 1979, p. 139).

Para Raffestin (1993, p. 204), “a rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornando o território: tanto libera quanto aprisiona. É o porquê de ser o instrumento, por excelência, do poder”. A dimensão apresentada aqui por Raffestin (1993) considera as relações de poder que as redes impõem, criando mecanismos de controle e dominação,

transformando-se em territórios ou territórios-rede. É dessa forma que o narcotráfico vem se territorializando e se articulando para manter determinados espaços geográficos sob sua influência.

A concepção teórica sobre o território para se compreender as redes do narcotráfico pode se dá pela perspectiva de Haesbaert (2004), ou seja, as percepções de territórios-rede e território-zona. Pois, os territórios-rede do narcotráfico são redes geográficas, onde ocorrem, segundo Corrêa (1999, p. 107),

um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações”. Justamente como ocorre nas formas de organização espacial do narcotráfico, pois cidades tornam-se “nós” pelos quais conectam fluxos de drogas que abastecem os mercados. Assim, as cidades enquanto “nós” de uma rede são importantes para a fluidez da droga. Para Santos (1996, p. 219), “a fluidez não é uma categoria técnica, mas uma entidade sociotécnica. Ela alcançaria as consequências atuais se, ao lado das novas inovações técnicas, não estivessem operando novas formas de ação.

Sobre as redes, “as definições e conceituações se multiplicam, podendo admitir que se enquadre em duas grandes matrizes: a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, na qual é também levado em conta o dado social” (SANTOS, 1996, p. 262).

Assim,

As redes são, pois, ao mesmo tempo, concentradoras e dispersoras, condutoras de forças centrípetas e de forças centrífugas. É comum, aliás, que a mesma matriz funcione em duplo sentido. Os vetores que asseguram à distância a presença de uma grande empresa são, para esta, centrípetos, e, para muitas atividades preexistentes no lugar de seu impacto, agem como fatores centrífugos (SANTOS, 1996, p. 278).

O autor destaca que a “rede global é a forma do espaço”, é a fluidez do efeito das reestruturações sobre as fronteiras, a qual é sua principal característica. Assim, o lugar onde a rede organiza sua ação arrumadora do território é um agregado de relações ao mesmo tempo internas e externas. Atuam aqui a contiguidade e a nodosidade; a contiguidade é o plano que integra as relações internas em uma única unidade de espaço, nesse caso, horizontalidade; já a nodosidade é o plano que integra as relações externas com as relações internas da contiguidade, nesse caso, verticalidade. Cada ponto local da superfície terrestre será o resultado desse encontro entrecruzado de horizontalidade e de verticalidade (SANTOS, 1996).

É assim que funciona a organização do narcotráfico através da qual as “cidades-nós” de um conjunto mais amplo de relações verticais fundamentam toda a estrutura da

economia do crime sobre o espaço geográfico. Mas, é preciso também considerar que internamente estas relações verticais criam condições para relações mais horizontais a partir de redes sociais que se formam em função da dinâmica social e política da economia do crime. Desse modo, as relações de poder do narcotráfico “estão presentes em todas as estratégias desencadeadas pelos atores para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias” (RAFFESTIN, 1993, p. 200).

Para Haesbaert (2004, p. 149), a rede seria o “espaço organizado a partir de relações sociais que priorizam a mobilidade e a fluidez por meio de linhas ou dutos e polos ou nós (conexões), necessários à dinâmica dos fluxos (materiais ou imateriais) que o fundamenta”. Assim, as redes assumem um papel bastante dinâmico no mundo contemporâneo, ou seja, o de enraizar e fixar pontos estratégicos que promovam determinada configuração territorial que demonstre, de alguma forma, o poder que elas detêm, pois:

A estruturação de uma sociedade em rede não é, obrigatoriamente, sinônimo de desterritorialização, pois em geral significa novas territorializações, aquelas em que o elemento fundamental na formação de territórios, a ponto de quase se confundir com eles, é a rede (HAESBAERT, 2004, p. 279).

Decerto, o processo de territorialização do narcotráfico depende da ação das redes. Redes e território se complementam em uma relação que se apoia também na revolução tecnológica presente na globalização contemporânea. Uma lógica organizacional do capitalismo global aproveitada pelo crime organizado, que permite a fluidez de seus fluxos de capitais em forma de lavagem de dinheiro, pessoas, informações e mercadorias (drogas e armas). Para Moreira (2008) uma nova realidade, apoiada não mais nas formas antigas de relações do homem com o espaço e a natureza, mas nas que exprimem os conteúdos novos do mundo globalizado, traz consigo uma enorme renovação nas formas de organização geográfica da sociedade.

As cidades tornam-se, assim, os nós articulados das redes em constantes movimentos, em fluxos dos mais diversos e que compõem as estruturas sociais resultantes das atividades humanas (MOREIRA, 2008, p. 162). Assim, as cidades que se convertem em nós da trama, chamadas aqui de “cidades-nós” do narcotráfico, são aquelas que estão conectadas por meio da organização, da comunicação, dos transportes e das informações orientadas pelas redes do narcotráfico em nível local, regional e global, tornando-se a base operacional para a configuração geográfica dos territórios-rede.

As cidades sob a influência das redes do narcotráfico tornam-se redes geográficas, que são:

(...) redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida. As redes sociais são historicamente contextualizadas, portanto, mutáveis, das quais são exemplos a rede de parentesco, englobando os membros de uma grande família, ou a de um grupo de pessoas que se organizam em torno de um interesse comum (CORRÊA, 1999, p. 200).

Para Corrêa (1999), a rede se torna geográfica quando nos a consideramos em sua espacialidade. A rede em tela está, de fato, espacializada, mas nem sempre a consideramos sob esse ângulo. Para o autor, a passagem de uma rede social para uma rede geográfica se dá quando assim a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas.

Assim, a rede geográfica só existe mediante estas interações espaciais, as quais surgem como reflexos do conteúdo social que cada localidade promove e que dão sentido ao seu funcionamento e à sua condição de existência enquanto uma rede ou enquanto um conjunto de pontos conectados e espacializados sobre as regiões.

Portanto, o narcotráfico pela rede social fortalece as bases territoriais de sua organização, algo presente naquelas “cidades-nós” que se encontram conectadas formando uma morfologia reticular definida pela organização criminosa. A geografia das redes do narcotráfico se sobrepõe a outras geografias presentes no espaço, entre elas a geografia do Estado que nessa sobreposição dá sinais de fragilidade em relação ao enfrentamento ao tráfico de drogas transnacional.

### **Geografia das redes do narcotráfico na Amazônia**

As facções criminosas do tráfico de drogas criam estratégias a partir de interpretações geográficas que elas fazem sobre o espaço, e no caso da Amazônia são considerados também os elementos da natureza como; os rios nos quais ocorre o transporte da droga, a floresta onde se possibilita esconder a mercadoria ou abrir estradas e pistas de pousos clandestinas, as regiões de ilhas com a presença de comunidades ribeirinhas que são utilizadas como base logística de suporte para o escoamento da cocaína e do skank, ou seja, são várias possibilidades encontradas pelo crime organizado considerando a dinâmica da relação sociedade e natureza.

Cabe também considerar a “posição” e a “extensão” geográfica da região amazônica no contexto da organização das redes do narcotráfico, onde a “posição” como já anunciada no início do texto, cria certa dependência dos interesses do crime organizado, sobretudo, considerando a localização junto aos principais produtores de cocaína com destaque para Bolívia, Colômbia e Peru, nos quais dependem da região para atravessar a droga com destino para África, Europa e mercados brasileiros. Por outro lado, a extensão é considerada aqui a relação multiescalar do narcotráfico envolvendo o local, o regional e o global, é a extensão das redes do narcotráfico partindo dos países Andinos que produzem drogas, atravessando o Brasil uma área de trânsito e chegando aos mercados internacionais para consumo, é a organização do crime em rede.

Em relação aos mercados globais da cocaína, o relatório do Escritório das Nações Unidas Sobre Crimes Globais (2021) apresentou dados importantes acerca da fabricação desta droga ilícita que reafirma o ponto de vista defendido aqui em relação ao papel importante da Amazônia para o circuito internacional do tráfico de cocaína. Segundo o mesmo relatório, a fabricação de cocaína atingiu níveis recordes em 2019, apesar de o crescimento perder força. A produção da fabricação global de cocaína dobrou entre 2014 e 2019 para atingir uma estimativa de 1.784 toneladas (expresso em 100 por cento de pureza) em 2019, o mais alto nível já registrado.

O relatório ainda destaca que o crescimento da produção de cocaína vem desacelerando, apontando para uma tendência de estabilização. Visto que, se comparando ao ano anterior, a fabricação global de cocaína aumentou 37% em 2016, 23% em 2017, 5% em 2018 e 3,5% em 2019. A tendência de estabilização tem sido principalmente resultado das mudanças no cultivo da coca, apesar de aumentos contínuos na produtividade (rendimento por hectare).

De qualquer forma, o Brasil tem um papel importante para as redes do tráfico de cocaína seja como área de trânsito ou como mercado consumidor em potencial. O fato é que as relações incertas entre o legal e o ilegal constituem um fenômeno transversal na experiência contemporânea. São vários os autores que vem chamando a atenção para a transitividade entre o informal, o ilegal, e o ilícito, com uma preocupação, mais ou menos explicitada, em distinguir a natureza da transgressão que se opera no âmbito da economia informal ou, então, a que define as atividades ilícitas ou criminosas, como tráfico de drogas, armas e seres humanos (TELLES, 2010).

O narcotráfico vem instituindo sobre a região um dos mais complexos conflitos pelo uso do território, pois envolve o controle de importantes rotas e mercados locais e regionais, pois de acordo com Couto (2017), a Amazônia é o lugar central para múltiplas relações que são estabelecidas a partir do mercado regional/global da droga. Cabem então algumas observações importantes para que se possa compreender a dinâmica das relações de poder que o tráfico de drogas impõe sobre a região:

Em primeiro lugar, considera-se o aumento significativo do consumo de cocaína na América do Sul com destaque para o Brasil, que, segundo o relatório da UNODC (2021), ocupa a segunda posição no *ranking* mundial de consumidores, ficando atrás apenas dos Estados Unidos que ocupa a primeira posição; Em segundo lugar, ainda existe um mercado em funcionamento na Europa abastecido pelas redes do tráfico de cocaína que, obrigatoriamente, atravessam o território brasileiro e cuja porta de entrada é a Amazônia; Em terceiro lugar, países como Bolívia, Colômbia e Peru ainda são produtores de cocaína, cujas facções criminosas internas estabelecem ligações com grupos do Brasil; Por fim, a região amazônica tornou-se, nos últimos anos, um espaço privilegiado para a infiltração de facções criminosas relacionadas ao narcotráfico. Este utiliza a região para as práticas de lavagem de dinheiro, misturando-se aos crimes ambientais (contrabando de madeiras, garimpo ilegal, compra de terras para a produção em fazendas, etc).

Em visita de campo em Boa Vista e Alto Alegre no estado de Roraima foi possível identificar pichações de facções como o Comando Vermelho (RJ) e o Primeiro Comando da Capital, em entrevistas com pesquisadores da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e com agentes de segurança pública, foram relatados o interesse destes grupos pelo estado em função do garimpo ilegal e da rota da cocaína que entra pela fronteira com a Venezuela.

“Essa chegada de facções em Alta Alegre tem muito haver com o interesse deles em entrar nas áreas de garimpo, trocar droga por gramas de ouro ou até mesmo se apropriar do garimpo. O PCCC é a facção que já co seguiu chegar lá, mas hoje a gente tem a vinda do CV e não sei como isso vai ficar, mas com certeza mais cedo ou mais tarde eles vão se enfrentar” (Senhor X - Agente de segurança pública do estado de Roraima). Entrevista concedida em 14 de agosto de 2022.

“Nos últimos anos a gente vem acompanhando esta movimentação toda, movimentação de facções como o PCC de Roraima que é um braço do PCC de São Paulo e Pacaraima é uma importante rota onde entra droga da Venezuela para o Brasil” (Senhor Y - Professor da UFRR). Entrevista concedida em 15 de agosto de 2022.

Muito pertinente as falas dos entrevistados acima, pois elas irão corroborar com a produção cartográfica elaborado pela pesquisa, sobretudo, com destaque para Pacaraima como uma rota estratégica. No que diz respeito à presença das facções, tudo leva a acreditar que o PCC é mais antigo no estado e mais recentemente chegou o CV e isso pode levar a conflitos entre as duas facções que são rivais.

**Fotografia 1 – Pichação do CV sobre a pichação do PCC em Alto Alegre – RR.**



**Fonte:** Trabalho de campo (2022).

A fotografia acima é um registro na RR- 205 no município de Alto Alegre no estado de Roraima, onde se encontram espalhadas ao longo da rodovia várias pichações do PCC e do CV, algumas simbolizam a disputa entre as facções pelo controle das rotas e do mercado da droga. É possível verificar a pichação do CV, sobre a do PCC hábito popularmente conhecido como “queimação”, ou seja, uma forma de demonstrar quem chega ao território e isso marca simbolicamente os processos de construção dos territórios influenciados pelas facções criminosas.

Desse modo, a região amazônica perfeitamente corresponde aos interesses das redes do narcotráfico, visto que ela atende aos anseios de outras atividades criminosas a exemplo da extração ilegal do ouro aqui citado. Também, deve-se atentar que há uma Amazônia Legal (brasileira) e outra Amazônia internacional (Panamazônia), cujo esta

última a extensão ultrapassa os limites territoriais brasileiros. E quando a referências é a bacia amazônica e sua rede hidrográfica que conecta relações transfronteiriças, é sempre pertinente considerar o potencial hidroviário utilizado na conexão entre as redes do narcotráfico e as cidades da Amazônia com os seus 25 mil km de rios navegáveis, abrangendo Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

**Mapa 1 – redes do narcotráfico na Amazônia Legal**



Fonte: Instituto Mãe Crioula (2023).

O mapa 1 acima traz a descrição cartográfica da dinâmica da redes do narcotráfico na Amazônia. É possível observar uma variedade de fluxos que partem das fronteiras em direção o interior da região. Dessa maneira, as redes ilegais estabelecem conexões consolidando-a como área de trânsito ou corredor de exportação. O mapa também enfatiza as rotas fluviais, aeroviárias e rodoviárias, por elas se estabelecem interações estratégicas onde a cidades tornam-se “pontos” e a interação com os “arcos” forma as redes geográficas. A rede implica fluxos, conectividade (DIAS, 2001).

Como pode se observar no Mapa os fluxos do narcotráfico saem da Colômbia em direção ao estado do Amazonas com destaque para drogas como cocaína e skank como já ressaltado, daí conectando-se até a cidade de Manaus por meio de barcos ou aeronaves.

De Manaus a rota segue para Santarém utilizando os mesmos meios de transportes, porém há também fluxos que se direcionam para o estado do Maranhão e para a região Sudeste do Brasil a partir dessa cidade. Em relação a Roraima, a cocaína de origem venezuelana atravessa as fronteiras em direção a Boa Vista e de lá o transporte segue também para Manaus. Já no Amapá, não se pode deixar de destacar o fluxo que sai da Guiana e atravessa o estado em direção a Belém, como também a interação que parte de Manaus atravessando esse estado em direção ao mercado europeu.

A zona da Tríplice Fronteira, durante muito tempo foi considerada a região mais tensa da fronteira Brasil-Bolívia-Peru, pois é o principal corredor dos fluxos da droga que entram na Amazônia. É possível identificar fluxos aeroviários que saem do Peru em direção a Manaus, assim como pelos rios com destaque para o Solimões. As rotas passam pela região do Vale do Javari até o rio Solimões, e deste segue até o rio Amazonas para abastecer os mercados locais e chegar até a cidade de Manaus, atendendo as demandas do mercado local e estabelecendo outras conexões.

Na fronteira Brasil-Peru faz a conexão pelo estado do Acre, onde rodovias, rios e transporte aeroviário servem de passagem em direção ao estado do Amazonas e Rondônia e deste segue para as outras regiões do Brasil. Se a rede é “um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 1999, p. 566), as cidades da Amazônia cumprem bem esse papel como bem ressalta o mapa.

Na fronteira Brasil-Bolívia, segundo os relatórios de pesquisa consultados, esta zona durante muito tempo exerceu a hegemonia dos fluxos de drogas (cocaína) que entravam em território brasileiro, contudo, vem perdendo espaço para a cocaína de origem peruana que inclusive, despertou o interesse das facções criminosas em obter o controle do rio Solimões considerado a principal via de escoamento da droga. Mas, os fluxos do narcotráfico atravessam esta fronteira utilizando as rodovias e o transporte aéreo, ou seja, essa região continua ser uma importante porta de entrada da cocaína no mercado brasileiro. Sobretudo, por possui uma extensa rede de estradas vicinais que são utilizadas como rotas no estado do Mato Grosso.

No geral Manaus e Itacoatiara (AM), Belém, Barcarena, Santarém e Marabá (PA), São Luis (MA), Palma (TO), Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Porto Velho (RO), Santana e Macapá (AP) e Cuiabá (MT) são destacadas como nexos estruturantes das redes

do narcotráfico na Amazônia, ou seja, são os principais nós de organização das redes do crime organizado que dinamizam os fluxos de mercadorias ilícitas.

Pela complexidade que a economia do narcotráfico traz em sua dinâmica de funcionamento, as periferias destas cidades são incorporadas ao processo de territorialização e grupos ou facções do tráfico de drogas. Isso não significa em hipótese alguma a não importância de cidades pequenas ou de porte médio, pois muitas delas na região vêm sendo cada vez mais incorporadas a estas redes e não apenas enquanto áreas de passagem, mas enquanto mercados locais ou lugares de refúgio de integrantes de facções ou até mesmo de camuflagem da droga transportada.

“Todo mundo sabe que o porto de Vila do Conde em Barcarena é um ponto de saída de droga, madeiras, minérios e tudo mais. Isso tudo vai pra Europa, agora como controla esse fluxo intenso de saída de produtos daqui?” (Senhor Z - Policial Federal). Entrevista concedida em 21 de outubro de 2022.

Como o entrevistado aponta, na Amazônia brasileira o porto de Vila do Conde no município de Barcarena (Pará) é o principal nexo de interação da região com a Europa e África. Em visita de campo foi possível observar a intensa movimentação de carretas e de containers que chegam até o porto. Para Milton Santos (1996) as redes são animadas por diferentes fluxos e que são dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social, tal movimento é animado tanto por dinâmicas locais quanto globais, ou seja, em diferenciadas escalas de análise.

E por meio desta dinâmica multi-escalar que as redes do narcotráfico vão construindo relações que se sobrepõem às lógicas de organização do espaço por parte do Estado. De todo modo, os ambientes urbanos mais especificamente, as cidades amazônicas contam com a presença de facções criminosas locais do Sudeste do Brasil. É por esses motivos que a agenda de segurança pública para a Amazônia deve ser pensando a partir destas múltiplas dimensões do crime organizado considerando estas formas de organização do crime e de manifestação das relações de poder que ameaçam as populações amazonidas.

### **A interiorização das facções criminosas na Amazônia**

Como se vê, a Amazônia é uma rota primária para a fluidez da droga (cocaína e skunk) que atravessa as fronteiras para atender o mercado nacional e internacional. Também vale ressaltar que o narcotráfico coexiste com outras atividades ilegais, portanto, atrai interesses das organizações criminosas. Em relação ao contexto brasileiro, como já

ênfatisado, o país não é apenas uma área de trânsito da droga, mas tornou-se um importante mercado consumidor, e isto também foi fundamental para a reorganização do mercado da droga, visto que diversas facções criminosas surgem nos estados brasileiros, inspiradas no Comando Vermelho (CV-RJ) e Primeiro Comando da Capital (PCC-SP). Esta lógica reproduz-se na Amazônia.

Com isso, emergiram na região facções com interesses em controlar as principais rotas do narcotráfico. No Pará em 2007 houve a iniciativa de criação do Primeiro Comando do Norte (PCN) que acabou fracassando por conta da prisão dos líderes da organização que estava a se iniciar. No mesmo ano foi criada a Família do Norte (FDN) no estado do Amazonas, ou seja, a terceira maior facção criminosa do Brasil neste período, ficando atrás apenas do CV e do PCC.

Até então, o controle das redes do narcotráfico na região era feito apenas pelas facções regionais e locais, destacando-se a FDN, que controlava todo o circuito do escoamento da droga colombiana e peruana, pela rota do rio Solimões, utilizando-se de parcerias com os cartéis colombianos e facções peruanas para o êxito do negócio ilícito.

Entretanto, a mudança de chave ocorreu em 2016, com o rompimento do pacto de paz e cooperação estabelecido entre o PCC e o CV por quase duas décadas, tendo o assassinato nesse ano do chefe do PCC no Paraguai o estopim para o início de uma guerra entre as duas maiores facções do país. Com o rompimento da cooperação, o Comando Vermelho se viu forçado a procurar novas rotas e estabelecer novas alianças.

Todavia, o rompimento da aliança entre CV e FDN em 2018 levou estes grupos a uma guerra que se dá pelas periferias de Manaus e se espalha para outros lugares do Amazonas, levando praticamente a FDN a extinção, assim como surgiram outros grupos no Amazonas tais como: Cartel do Norte (CDN), Revolucionários do Amazonas (RDA) e na região da fronteira com o Peru e Colômbia surgem “Os Crias”. Esta descrição deixa evidente o quanto vai se tornando complexa a dinâmica criminal, já que essas facções passam a se difundir por todo o estado do Amazonas. Soma-se a este quadro a vinda do PCC para a Amazônia, com o intuito de ampliar o controle de novas rotas para escoamento da produção de cocaína do Peru, Colômbia e Bolívia através da região amazônica, fato que desencadeou no acirramento dos conflitos e no aumento na taxa média de homicídios da região, que antes apresentava um perfil de mais tranquilidade.

Segundo Schimizu (2011, p. 38-34),

Aduz-se assim, que facções criminosas sejam grupos de pessoas em que se verificam relações de solidariedade e gregarismo, que surgiram nos presídios brasileiros e foram fundados prioritariamente sob o lema da defesa dos interesses da comunidade carcerária, tendo a prática de atos tipificados em lei como crimes como um de seus modos de atuação dentro e fora dos presídios.

Pode-se dizer que organização criminosa é a associação de agentes, com caráter estável e duradouro, para o fim de praticar infrações penais, ela é devidamente estruturada em organismo pré-estabelecido, com divisão de tarefas, embora visando ao objetivo comum de alcançar qualquer vantagem ilícita, a ser partilhada entre os seus integrantes (NUCCI, 2017). Uma prática comum e que fortalece o grupo na organização política do crime.

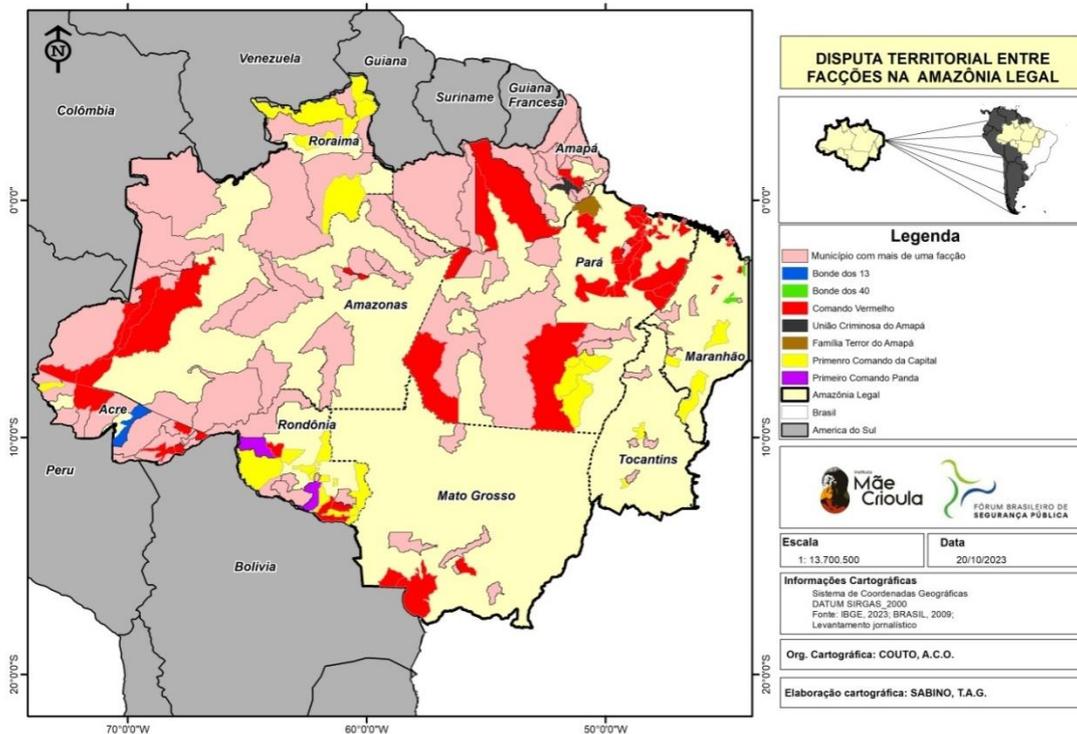
São estas características citadas acima nas definições sobre as organizações criminosas que se encontram presentes nas facções que surgiram ou chegaram à região. Por exemplo, no Pará a partir de Altamira surge a facção denominada Comando Classe A (CCA), uma espécie de braço político do PCC. Este grupo que tem sua origem no sistema prisional de Altamira, em 2018, a partir de um grupo de pessoas encarceradas que não aceitaram ser “batizados” (significa um ritual de integração de alguém ao grupo) pelo CV dentro do presídio. Por isso, em 2019 travou uma guerra com o CV que culminou com a morte de 54 pessoas onde algumas tiveram as cabeças decapitadas.

No Amapá a União Criminosa Amapaense (UCA) e a Família Terror do Amapá (FTA) vem disputando influência e territórios, isto tem intensificado os conflitos que resultam em mortes violentas intencionais. Além disso, no ano de 2022, integrantes do PCC e do CV chegaram à região estabelecendo relações com as facções locais, nas quais aproximaram o PCC à FTA e o CV à UCA.

Vale ressaltar, que pelo estado do Amapá tem-se uma dinâmica que envolve: narcotráfico, contrabando de ouro e outras mercadorias, tráfico de pessoas e exploração sexual. As redes ilegais da Guiana e do Suriname atravessam estes estados a partir do porto de Santana e daí para o mercado europeu. O tráfico de pessoas e a exploração sexual estão relacionados às regiões de garimpo tanto no Amapá quanto na Guiana Francesa e Suriname, por fim, a cidade de Oiapoque é um dos principais nós de interações destes fluxos ilícitos. Portanto, as facções criminosas na Amazônia exercem um importante papel da organização espacial das redes do narcotráfico.

No mapa 2 abaixo, é possível identificar os municípios onde encontram-se a presença de facções criminosas, bem como aqueles nos quais vem ocorrendo disputas territoriais entre esses grupos, é possível verificar a distribuição geográfica destas facções pelos estados da Amazônia brasileira demonstrando a expansão delas pela região.

**Mapa 2 – Facções que disputam o controle dos municípios amazônicos.**



**Fonte:** Instituto Mãe Crioula e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023).

A partir da análise do mapa que retrata este cenário complexo, é possível identificar que todos os estados amazônicos possuem registros de presença de facções, e em todos eles, há algum município que esteja sendo disputado pelo controle pleno de alguma delas. A fronteira amazônica possui a maioria dos municípios sob disputas destes grupos, que geralmente se instalam para estabelecer o controle dos fluxos e instituir relações de poder que garantam o escoamento da droga para o território nacional. É importante salientar, que nessa região também se constatou a presença de facções e gangues dos países vizinhos, que ora atuam em cooperação com as facções brasileiras ora rivalizando com essas.

Já no interior da região, alguns municípios são disputados por serem estratégicos enquanto espaços de fluidez ou de varejo da droga, sobretudo, em espaços de instalação de projetos de infraestrutura e dinamismo econômico, como é o caso das cidades de

Marabá, Parauapebas, Altamira, Santarém, Itaituba, Oriximiná, no estado do Pará; Açailândia, Imperatriz, Santa Inês e Estreito, no estado do Maranhão; Palmas, Araguaína e Gurupi, no estado do Tocantins. Como destaca Misse (2019), os confrontos entre diversas organizações criminosas entre os anos de 2016 a 2018, mais precisamente nos presídios do Norte, Nordeste e Sul, atestaram a importância do sistema penitenciário e o seu papel central em um processo de disputa pelo mercado varejista e atacadista das drogas e armas ilícitas nas rotas e cidades que atuam organizações criminosas, especialmente o PCC e o CV.

As disputas pelo uso do território marcam uma geografia do crime organizado que impõe vigilância e controle dos territórios e isso se dá justamente nas cidades enxergadas como estratégicas para o varejo e atacado das drogas. Para Schelling (1971), o crime organizado, apresenta uma característica chave de “exclusividade”, que significa exercer governança sobre o mercado ou território através do monopólio.

Isso explica em grande medida a explosão dos conflitos urbanos em Manaus, Macapá, nos municípios onde coexistem facções rivais que buscam a hegemonia sobre a região, varejo e atacado estão em jogo nesta guerra. Assim, a região amazônica vem se consolidando como grande fronteira do narcotráfico global, e não bastasse ser local de passagem da droga, as maiores cidades e aquelas outras localizadas nas principais rotas da droga estão sendo sob disputas territoriais.

Como regras têm-se o controle dos presídios, posteriormente, as “quebradas”, que na linguagem do crime, significa as zonas controladas pelo tráfico para o consumo de drogas nas cidades, e por fim, na escala regional, a rota da droga, essas relações multi escalares então, produzem uma geografia das redes do narcotráfico sobre a região que vem se instituindo diante da dificuldade do Estado brasileiro em saber lidar com este fenômeno.

### **Considerações finais**

Como apresentado no artigo, a Amazônia tornou-se central para a dinâmica do narcotráfico, considerada assim, uma região estratégica para as articulações que envolvem o crime organizado e o mercado da droga. Das fronteiras ao interior da região, as redes do tráfico de drogas conectam cidades em sua estrutura organizacional, onde elas se tornam pontos estratégicos para a produção, circulação e consumo da droga. Desse

modo, surgem relações multi escalares que vão dos países produtores ao território brasileiro atravessando pela região amazônica e chegando até a Europa e África, logo a geografia da Amazônia é estratégica para atender o mercado nacional e internacional.

Há, portanto, a imposição de uma geografia das redes do narcotráfico na Amazônia brasileira que vem se territorializando, promovendo uma reorganização das ações e estratégicas das facções criminosas, sobretudo, através da interiorização por todos os estados da região. Portanto, o espaço amazônico é palco de articulações e de disputas pelo controle das rotas do mercado da droga, e este fato coloca em evidências os conflitos e em vulnerabilidade os territórios e as populações amazônidas. O narcotráfico ao se firmar cria as condições de funcionamento das redes ao mesmo tempo fragilizando as políticas de segurança que se torna inerte diante do avanço das organizações criminosas.

Por fim, os conflitos pelo uso do território vêm produzindo uma cartografia dos conflitos na região, sobretudo, destacando os municípios aonde vem ocorrendo a presença de facções criminosas que disputam o controle das rotas e do mercado da droga. Portanto, cabe ao Estado repensar as políticas de segurança pública e a política de drogas no Brasil com vistas a encontrar a melhor saída para o problema do tráfico de drogas e da expansão das facções criminosas pelo território nacional e pela Amazônia.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.

COUTO, Aiala. **Do poder das redes às redes do poder: configurações territoriais sobrepostas na periferia de Belém**. Belém. NAEA-UFPA, 2017 (Tese de doutorado).

CORREIA, Roberto Lobato. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. In: CORREIA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1999. p. 107-118.

DIAS, Leila Christina. **Redes: Emergência e Organização**. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 141-62.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Cartografias da violência na Amazônia**. São Paulo. Relatório de pesquisa, 2022. Disponível em [www.forumdesegurancapublica.org](http://www.forumdesegurancapublica.org)

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

\_\_\_\_\_; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A nova des-ordem Mundial**. São Paulo: UNESP, 2005. 160 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>

MISSE, Michel. (Comentários Sobre) **O Enigma da Acumulação Social da Violência no Brasil**. Journal of Illicit Economies and Development, Volume 1(2). 2019. Disponível em: <https://jied.lse.ac.uk/articles/10.31389/jied.32/>.

MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar**: a nova realidade e o olhar geográfico sobre o mundo. Rio de Janeiro: Contexto, 2008. 191 p.

NUCCI, Guilherme Souza de. **Organização Criminosa aspectos legais relevantes**. Disponível em: <https://www.lfg.com.br/artigos/geral>. Acesso em 22 de mar.2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. As redes geográficas sob a ótica analítica de Miossec. GeoUERJ. **Revista do Departamento de Geografia, UERJ**. Rio de Janeiro, nº 10, p. 35-46. 2º semestre de 2001.

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico**: uma guerra na guerra. 3. ed. São Paulo. Desatino, 2004. 123 p.

\_\_\_\_\_. A infundável guerra norte-americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente. **São Paulo em Perspectiva**, v. 2, n. 16, p. 102-111, 2012.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1979. 176 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 1996.

SCHELLING, Thomas C. **Economics Analysis and Organized Crime**. In: The President's Commission on Law Enforcement and the Administration of Justice, Task Force Report: Organized Crime. Washington, DC: US Government Printing Office, pg. 114-26. 1971.

SCHIMIZU, Bruno. **Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas**: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas. São Paulo: Ibccrim, 2011.

UNODC. **O relatório mundial sobre drogas**. Washington: UNODC, 2016. Disponível em: <[http:// www.unodc.org/ documents/ wdr2016/ World\\_Drug\\_Report\\_2015.pdf](http://www.unodc.org/documents/wdr2016/World_Drug_Report_2015.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **O relatório mundial sobre drogas**. Washington: UNODC, 2021. Disponível em: <[http:// www.unodc.org/ documents/ wdr2021/ World\\_Drug\\_Report\\_2021.pdf](http://www.unodc.org/documents/wdr2021/World_Drug_Report_2021.pdf)>. Acesso em: 26 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **O relatório mundial sobre drogas**. Washington: UNODC, 2023. Disponível em: <[http:// www.unodc.org/ documents/ wdr2023/ World\\_Drug\\_Report\\_2023.pdf](http://www.unodc.org/documents/wdr2023/World_Drug_Report_2023.pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2023.